

Quinta de Educação e Ambiente Reserva Natural das Lagoas de Santo André e da Sancha

ISABEL PEREIRA*

RESUMO

Apresentação da Quinta de Educação e Ambiente, localizada na Reserva Natural das Lagoas de Santo André e da Sancha (Alentejo Litoral) cujo centro aglutinador das actividades está localizado no Monte do Paio. Trata-se de uma experiência educativa e museológica ímpar, da reapropriação dos valores e recursos de um mundo rural em crise, sua revalorização e operacionalização face às necessidades socioeconómicas actuais. Resultado de uma parceria institucional, na gestão deste projecto participaram o ICE, ICN e as escolas locais, sobretudo os alunos, e a população residente.

Criada a partir do Projecto das Escolas Rurais – Núcleo do Concelho de Santiago do Cacém – a Quinta de Educação e Ambiente é uma proposta de desenvolvimento integrado viabilizada pela parceria construída entre o Instituto das Comunidades Educativas, o Instituto da Conservação da Natureza, a Câmara Municipal de Santiago do Cacém e a Junta de Freguesia de Santo André.

O território educativo a que se deu corpo através deste projecto engloba as comunidades da Costa de Santo André, Brescos, Aldeia de Santo André, S. Francisco da Serra, Santa Cruz, Roncão, Cruz de João Mendes, S. Bartolomeu da Serra, Relvas Verdes, Aldeia dos Chãos, Deixa-o-Resto e Arealhão.



Fig. 1 - Aula de campo. Lagoa da Sancha.

O centro aglutinador das actividades situa-se na Reserva Natural das Lagoas de Santo André e da Sancha,

ABSTRACT

This paper deals with a museological experience developed by an institutional partnership of ICE, ICN and the School Community. The Monte do Paio Centre highlights in its programme, the environmental education and the rural lifestyle heritage.

devido não só à grande variedade de recursos e potencialidades que oferece, mas também às problemáticas que lhe são inerentes.

Detentora de praias, ilhotas arenosas, margens vasosas, ribeiras, caniçais, pântanos e riachos, constitui um espaço privilegiado de nidificação de muitas dezenas de espécies de aves selvagens e o habitat para uma variedade muito vasta de espécies de plantas protegidas por leis nacionais e internacionais.

É aqui que está sediado o “Monte do Paio” que, tal como o nome indica, é um monte alentejano, recuperado para o desenvolvimento do projecto e onde se encontram as principais infra-estruturas de apoio, nomeadamente o centro de acolhimento para alojamento dos visitantes, o centro experimental, a casa da amassaria e o forno do pão, os estábulos dos animais, a horta de cheiros e sabores, o centro de interpretação e a adega.

Ainda no território da Reserva Natural estão previstos uma casa do artesão/núcleo museológico, e existe um centro de anilhagem de aves.

A concepção deste projecto teve por base alguns pressupostos em que se aposta no domínio do desenvolvimento local, entre outros, do desenvolvimento do mundo rural em crise.

Em primeiro lugar, a discussão da ideia de que a crise do mundo rural é uma crise estrutural que passa, nomeadamente, pela reduzida competitividade no mercado dominante e em expansão, dos seus bens culturais, sociais e económicos. Não é possível levá-lo a competir com os mesmos bens do mercado que lhe trouxeram a crise, mas pela promoção/produção de outros bens dotados de novas competitividades (nomeadamente pelos seus traços de especificidade/raridade). É esse o caso das manchas de património natural, que se oferecem como espaços de

* Instituto das Comunidades Educativas - Coordenadora do Projecto das Escolas Rurais do Alentejo Litoral.



Fig. 2 - Monte do Paio, transformado em Centro de Acolhimento. Em primeiro plano, a eira.

lazer e de conhecimento, sem equivalente no mercado urbano e industrial. A Quinta de Educação e Ambiente oferece-se, precisamente, como um desses produtos, únicos pela especificidade que podem proporcionar.

Em segundo lugar, a defesa da ideia de que a superação da crise do mundo rural implica necessariamente a recriação das relações dos seus habitantes com o seu presente e, mais precisamente, a requalificação/valorização das representações que têm de si mesmos e dos seus contextos.

O complexo industrial de Sines veio alterar a vida destas gentes. E, se é verdade que veio trazer alguns postos de trabalho para os mais novos, consigo também trouxe a alteração de hábitos. A cultura rural foi fortemente abalada e a população apresenta uma grande descrença no futuro.

A superação da crise pressupõe que as novas competitividades intervenham (também) como processos sociais de produção de auto-estima e de identidade. Daí que sob a designação de Quinta de Educação e Ambiente se entenda, de facto, a noção de território vivido e produzido por quem o habita. Não se trata de uma Quinta Pedagógica à semelhança de muitas que vêm sendo criadas; não se define apenas pelos produtos que “vende”; é um espaço social em (re)construção que implica (também) a (re)descoberta e um reconhecimento quer da riqueza patrimonial da Reserva Natural quer dos saberes e práticas culturais dos seus habitantes.

Propõe-se funcionar como um espaço de lazer e de conhecimento, implicando nas dinâmicas as pessoas que o habitam, com potenciação e divulgação dos seus saberes. A animação da Quinta tende a “recair” sobre as crianças das Escolas Rurais e sobre os habitantes das comunidades implicadas.

Em terceiro lugar, a ideia de que cabe à acção educativa, em geral, e à acção da escola em particular um papel importante no conhecimento, afirmação, promoção e visibilidade dos valores e do valor que se escondem na realidade em que se inserem ou em que intervêm. Naturalmente, pressupõe esta perspectiva que a Reserva, o seu património, as culturas das suas gentes, os seus segredos surjam como um traço de especificidade contextual que defina e dê sentido aos processos de aprendizagem ao projecto educativo no seu todo.

Em quarto lugar, a ideia de que a superação da crise tem necessariamente por esteio a solidariedade a construir e a encontrar entre os diversos parceiros e interesses, ainda que eventualmente em conflito, que se entrecruzam num dado espaço social. Nascido da convergência de quatro instituições, o projecto tem como objectivo estratégico implicar/entusiasmar os vários actores sociais abrangidos por este território e, em primeiro lugar, os que de alguma forma dependem directamente das suas riquezas: residentes em geral, pescadores, agricultores, artesãos, etc.

Assim, tendo por base estes pressupostos, a Quinta de Educação e Ambiente surge-nos com duas grandes finalidades: por um lado, fazer da Reserva um território educativo (promovê-la enquanto fonte de conhecimento e património potencialmente qualificador) e por outro, contribuir para a contextualização das aprendizagens e da escola. Constitui-se como um território integrador de conhecimentos advindos dos ensinamentos formal, informal e da própria vida, conciliando as componentes até aqui um pouco desencontradas: o desenvolvimento, a identidade cultural e o conhecimento do ambiente físico e natural com toda a riqueza nele inerente.

Neste sentido, são objectivos específicos deste projecto:

1) Dinamizar social e culturalmente a Reserva, levando os seus habitantes a:

Identificar-se com a importância da sua defesa e promoção;

Potenciar os seus saberes e competências pela criação de novas actividades e/ou requalificação das existentes (pesca, agricultura, artesanato,...);

Intervir como “formadores” de quem visita a Reserva (crianças, jovens, curiosos).

2) Potenciar a Reserva enquanto fonte de conhecimento:

Estimulando o interesse pelas aprendizagens num contexto integrado e integrador das crianças da região e de crianças oriundas de outros pontos do país;

Criando núcleos de investigação (observatório, centro de interpretação, centro experimental, centro de documentação).

3) Qualificar a Reserva investindo na recuperação/criação de bens patrimoniais passíveis de reflectir a memória da região (núcleo museológico, casa dos artesãos).

4) Reforçar o sentido de cidadania das comunidades e das crianças envolvidas.

5) Implicar diferentes tipos de instituições e parcerias.

Sendo este um projecto que se pretende de desenvolvimento integrado, é necessário encontrar formas alternativas de produção de riqueza, onde um estudo da viabilidade económica para a sua auto-sustentação se torna fundamental.

Em primeiro lugar, realizar-se-á o estudo para a reutilização de algas e caranguejos na produção de rações para a piscicultura, aproveitando os que involuntariamente são capturados na pesca. A sua reutilização pode tornar-se uma fonte de receitas para a comunidade de pescadores.

Seguir-se-á o estudo da viabilidade económica da produção de plantas aromáticas e medicinais como alternativa a culturas actualmente praticadas e não compatíveis com o sistema lagunar.

Posteriormente, prevê-se a possibilidade da certificação da enguia, que pela excelência culinária, é considerada uma das melhores a nível nacional.

Para efeitos demonstrativos, serão instalados, no Monte de Paio, um Sistema Húmido Construído (S.H.C.), sistema de tratamentos de efluentes com utilização de plantas aquáticas – e uma Central de Compostagem de Resíduos Vegetais de pequenas dimensões. Enquanto que o primeiro poderá ser utilizado futuramente nas suiniculturas da zona, evitando a poluição das águas das ribeiras e da Lagoa de Santo André, a segunda representa uma forma muito acessível de cuidar esteticamente do ambiente enquanto se produz matéria orgânica.

Realiza-se, simultaneamente, “trabalho de campo” visando a sensibilização/envolvimento da população, tendo em conta os problemas de natureza ambiental da bacia hidrográfica da lagoa a que se tentará responder com reuniões temáticas dirigidas a um público alvo, colóquios, distribuição de folhetos, cartazes e a produção de algumas brochuras.

Nesta fase inicial do Projecto da Quinta de Educação e Ambiente, este trabalho decorre tendo por base os problemas já identificados e que provocam perturbações no equilíbrio ecológico (praga de lagostins, biocidas utilizados na agricultura, detritos orgânicos resultantes da suinicultura intensiva). Posteriormente, ter-se-á por base o estudo integrado do sistema lagunar de Santo André, aquando da sua conclusão.



Fig. 3 - Actividades orientadas pela comunidade. Fazer o pão no Monte do Paio.



Fig. 4 - Actividades orientadas pela comunidade. Monte do Paio.

O núcleo museológico, a instalar numa cabana típica, réplica das primeiras habitações de pescadores na Lagoa de Santo André, totalmente desaparecidas, funcionará como espaço de permanência de exposições dos produtos resultantes do projecto, dos produtos que representem a memória da região, e também como centro de informações úteis à população e visitantes.

Tal como atrás foi referido, um dos objectivos deste projecto é dar visibilidade à cultura local. O artesanato ou arte popular, como também, por vezes é designado, faz parte integrante da cultura de um povo, transmitindo de geração em geração um conjunto de tradições e saberes, de técnicas e formas de representar o seu mundo. Fazer a divulgação e a promoção das actividades artesanais praticadas neste território junto de crianças, turistas, visitantes, e de um modo geral de todos aqueles que procuram conhecer a cultura rural, é também uma das nossas metas. Para tal, está pensada uma Oficina de Artesanato ao Vivo – Casa dos Artesãos – onde, além de se poder observar a arte de fabrico de cestaria em cana, trabalhos de cortiça, olaria, tecelagem, redes, aproveitamento das plantas como tintos naturais, impermeabilização de tecidos (japonas, oleados,...), também se poderá fazer a aquisição de qualquer destes produtos. A par dos artesãos “consagrados”, os idosos serão os grandes animadores deste espaço, trazendo, trocando e passando as suas “habilidades” aos intervenientes no projecto.

Nesta fase inicial do projecto, procedeu-se ao reconhecimento e identificação das diferentes áreas de intervenção.

As actividades foram pensadas no sentido de envolver e implicar os intervenientes, descobrir a Reserva enquanto ecossistema natural e humano e as suas possibilidades enquanto espaço educativo.

As escolas rurais, num trabalho conjunto, elaboraram o seu plano de estudo e acção, a que se seguiu o trabalho de campo – observação, identificação e pesquisa sistemática – indutor das aprendizagens em sala de aula.

Semanalmente, um grupo de alunos desloca-se à Reserva, onde, acompanhado pelo professor e por um ou dois técnicos do Conselho de Acompanhamento e Orientação, faz as suas observações e registos para identificação do espaço envolvente.

É notório o entusiasmo das crianças. A apropriação do projecto faz-se de uma forma natural. Há muito que a expressão “a nossa Quinta” surgiu entre eles. As regras de utilização do espaço são rigorosamente cumpridas. É em ar festivo que todas as segundas-feiras fazem os passeios pedestres, muitas vezes de alguns quilómetros, não lhes passando despercebidos animais ou plantas por mais pe-

quenos que sejam. Qualquer habitante que encontrem é fonte de informação para saberem mais qualquer coisa.

Na escola procede-se à exploração das aulas de campo, onde a adaptação curricular surge naturalmente e as temáticas, de acordo com as necessidades e motivações de cada criança.

Também aqui se recorre frequentemente à participação de elementos comunitários, principalmente se os temas a tratar estiverem ligados à agricultura, pesca, passado histórico, meteorologia, utilização de plantas para fins estéticos, medicinais ou gastronómicos.

Após a conclusão dos trabalhos, numa das escolas pertencentes ao grupo, juntam-se todos os alunos para comunicarem e apresentarem entre si os produtos realizados.

Desta forma, as noções básicas sobre zoologia, botânica, meteorologia, os nomes científicos de aves e plantas surgem naturalmente pela aprendizagem feita descoberta e pelo intercâmbio entre eles. Aqui, as coisas de que se fala são algo que se viu e de que se aprendeu a gostar.

Para tomada de posições colectivas, organizam-se “Oficinas Infantis”, onde as crianças em trabalho de grupo analisam, discutem e reflectem, socializando o que aprenderam, partilhando poder e assumindo uma responsabilização conjunta.

Nas suas escolas de pertença, vão realizando actividades para apetrechamento do espaço e/ou angariação de verbas.

São disto exemplo a colecção de postais de Natal, feita colectivamente e cujo produto de venda foi utilizado na compra das árvores para a horta, na sementeira de medronheiros para a construção de sebes e/ou repovoamento de zonas da Reserva que se encontrem mais empobrecidas.

A verba resultante da venda dos produtos realizados pelos alunos é gerida exclusivamente por eles, cabendo-lhes eleger trimestralmente a escola responsável.

Além de se construírem afectiva e cognitivamente ligadas à Reserva, ao seu conteúdo natural, com todo o potencial para o futuro que tal possa trazer, as crianças são também construtoras de consciência dos adultos. Por sugestão das crianças, o Monte do Paio tornou-se passeio de fim-de-semana de muitas famílias, assumindo as crianças o papel de guia.

A curto prazo, a Quinta passará a receber visitantes que aí permanecerão em actividades durante três ou quatro dias. Serão os alunos das escolas rurais envolvidas no projecto que, ajudados por habitantes e técnicos, orientarão as crianças visitantes, intercambiando com elas os saberes e segredos de que a pouco e pouco se vão apoderando.